

GRUPO CORPO

Missa do Orfanato

(estreia 1989)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **Wolfgang Amadeus Mozart**

cenografia: **Fernando Velloso**

figurino: **Freusa Zechmeister**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

(duração: 45 minutos)

Ao soarem os primeiros e grandiloquentes acordes da Missa K.139 de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), uma luz corpórea invade a cena. Como que filtrada por um prisma encimado na cúpula de uma catedral, ela se decompõe em fachos que, sob a ação da fumaça, criam a ilusão de volume, concretude e tridimensionalidade, emprestando materialidade a uma monumental figura cônica feita de névoa e luz. Metáfora do poder divino, a imagem pictórica forjada por Paulo Pederneiras para a cena inaugural da tradução cinética da Missa do Orfanato de Mozart pelo Grupo Corpo, prenuncia o papel que a iluminação desempenhará ao longo dos 45 minutos de espetáculo: o de funcionar como representação cênica da religiosidade e da espiritualidade intensas que emanam da obra do compositor austríaco, e como único contraponto à asfixiante e assombrosamente terrena construção coreográfica de Rodrigo Pederneiras.

Criado em 1989, a partir da magistral interpretação do italiano Claudio Abbado à frente da Filarmônica de Viena, do Coro da Ópera Nacional de Viena e de quatro estupendos solistas¹, o balé sobre a missa solene composta e regida por ocasião da consagração da Igreja do Orfanato, na Viena de 1768, por um Mozart que não

¹ A soprano alemã Gundula Janowitz; a mezzo-soprano norte-americana Federica Von Stade, fazendo a voz de contralto; o tenor polonês Wiesław Ochman; e o baixo alemão Kut Moll.

contava ainda os treze anos completos inscreve-se entre as obras máximas da companhia mineira de dança. Não por acaso, permaneceu em repertório por oito anos consecutivos (até 1997), e veio a se tornar a única coreografia anterior a *21*, de 1992 – marco inaugural da escritura coreográfica de inflexões notadamente brasileiras que celebrizou Rodrigo Pederneiras – , a figurar na coleção de vídeos do Corpo.

Estabelecendo já, ainda que de forma embrionária, os primeiros códigos de uma linguagem que iria se consolidar nos anos subseqüentes, na *Missa do Orfanato* o coreógrafo residente do Grupo Corpo começa a operar um desprendimento da forma em favor de uma ênfase maior na dinâmica e na espacialidade da cena. Na contramão do que prega o Ordinário da missa católica, um rito de devoção e louvor ao Senhor, Rodrigo Pederneiras transforma seu corpo de baile em uma massa de desvalidos que retrata antes a tragédia e a miséria da condição humana que o anseio de glorificação do Divino. Em estado de contrição permanente, os corpos dos bailarinos ritualizam o desamparo, o temor, o afligimento e a solidão inerentes à natureza inapelavelmente terrena e transitória da espécie humana, através de movimentos vigorosos que, na busca incessante de verticalidade, teimam em revolver ao chão, de onde tudo brota e onde tudo finda. Braços abertos em cruz ou fechados em penitência, seus gestos convulsos soam como brados de misericórdia. É a Paixão do Homem, a que se projeta na cena.

Criado por Fernando Velloso a partir de um protótipo em chapas de ferro e madeira, e alquimicamente transformado por Tatiana Memória na Central Técnica de Inhaúma, Rio de Janeiro, em espuma e tecido dotados de peso, volume e ferrugem, um painel de 9 metros de altura por 18 de largura, em tons terrosos e cinzas, remete à face externa de uma construção arquitetônica grandiosa e degradada pelo tempo. A presença de fragmentos de tubos metálicos alude aos destroços de um órgão, sugerindo as ruínas de uma catedral. Opressivo e esmagador, o cenário reduz à sua humana e diminuta dimensão a procissão de desesperados que perambula pelo palco seu clamor por redenção.

Freusa Zechmeister lança mão de roupas cotidianas em seda e linho crus, envelhecidas e tingidas em paletas de cinza e terra, para vestir os bailarinos como um aglomerado imemorial de peregrinos. Os cabelos em desalinho e a sombra cinza-fosco aplicada nas pálpebras inferiores sobre uma camada de pancake claro ajudam a lançar a romaria em uma espécie de Idade das Trevas.

Com múltiplas gradações de amarelo e branco e fumaça cenográfica, Paulo Pederneiras envolve a cena em uma veladura que recria a luminosidade e a atmosfera típicas dos ofícios religiosos. Magnificamente bem dosado, como em um quadro de Caravaggio (1573-1610), o grande mestre italiano do naturalismo barroco, um jogo constante de luz e sombra acompanha de forma enfática a coreografia, promovendo uma exacerbação de sua dramaticidade.

E, se na *Missa do Corpo* é o calvário do Homem que se presentifica, a comunhão com o Divino, a redenção – tanto para quem está no palco quanto para os que se encontram na plateia – se dá através da beleza e da sublimidade da arte praticada pelo grupo mineiro sobre a impressionante partitura sacra de um Mozart menino.